

SÃO CAETANO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ILPI ITALIANA

Carmen Maria Andrade¹

Resumo. São Caetano, Vazeze (Itália), um asilo que trabalha na proposta de Dom Guanella, foi objeto deste Estudo de Caso Fenomenológico Qualitativo, com coleta de informações por observação, diário de campo, entrevista e fotos. O objetivo foi verificar como a pedagogia guanelliana inspira trabalho asilar; compreender sua prática; apresentar elementos e contribuição à Instituição. As entrevistas foram ricas, mas o trabalho de campo foi fundamental, pois a vida segue rotina facilmente identificada. São Caetano foge ao usual, pela população mista, numerosa equipe, variada atividade e recurso. Esta Pedagogia propõe trabalhar a/na realidade, buscando serenidade para aceitá-la. São Caetano pratica isso e oferece condição de vida, ação e valorização, como ocorre numa família onde todos circundam de amor ao que sofre. O asilo atenua o isolamento dos velhos. A animação recupera/cria, estimula rede de relações, favorece a autoajuda, torna o contexto dinâmico. O velho descobre capacidades/habilidades ocultas/esquecidas, numa cordialidade fora de esquemas, compreendendo sua condição e suas limitações. O clima de família, senso de acolhida, generosidade no serviço recíproco, e interesse pelo carisma distinguem-se, tornando atraente estar junto. O asilo considera a cultura local, empenha-se na formação do grupo, oferecendo ocasiões para enriquecerem-se. Os velhos expressaram prazer de viver ali, atribuindo à forma individualizada do tratamento

¹ Doutora em Educação, Vida Adulta e Envelhecimento Humano. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade Palotina de Santa Maria e Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. E-mail: <carmena@brturbo.com.br>.

e ao serviço de animação os elementos fundamentais capazes de ativá-los a viver.

Palavras-chave: Asilo italiano. Pedagogia Guaneliana. Atividade de Animação.

SÃO CAETANO: A CASE STUDY IN AN ITALIAN LONG-TERM CARE INSTITUTION FOR THE ELDERLY

Abstract. São Caetano in Varese (Italy), a rest home that works in the proposition of Dom Guanella, was subject of this phenomenological and qualitative case study, with collection of informations from observation, daily field report, interview and photos. The aim was to verify how the Guanelliana pedagogy inspires the rest home work; to understand its practice; to present elements and contribution for the institution. The interviews were fruitful, but the field work was fundamental, because life follows an easy and recognizable routine. São Caetano escapes from the usual, because of mingled population, a big team, assorted activities and resources. This pedagogy proposes to work the reality, seeking for serenity to accept it. São Caetano practices this and offers conditions for life, action and valorization, as it happens in a family where all embrace with love the ones who suffer. The rest home attenuates the elderly isolation. The animated activities recuperate, encourage people's networking, stimulate self-help, become the context more dynamic. The elder discoveries hidden abilities, in a cordiality out of schemes, comprehending your condition and limitations. It's discerned the familiar atmosphere, the sense of shelter, the generosity in the reciprocal service, and interest for charisma, becoming more pleasant to be all together. The rest home considers the local culture, engage with development of the group offering

occasions to increase. The elderly expressed joy of living there relating the personal way of the treatment and the animation activity that is fundamental to activate them to live.

Keywords: Italian Rest Home. Guanelliana Pedagogy. Animation Activity.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo, enfocando a pedagogia guaneliana para velhos, na Itália, apresenta o caso da Casa São Caetano, uma Instituição de longa permanência para idosos – um asilo – que tem como mantenedora a obra Dom Guanella, mantida pela congregação masculina. Esta casa mantém convênios com setores de saúde, de assistência e de educação, recebe doações da comunidade e contribuição individual dos velhos. A casa tem uma proposta pedagógica e oferece um serviço qualificado e diferenciado, segundo as necessidades dos assistidos.

A obra guaneliana oferece aos idosos os seguintes serviços: Casa para velhos, o conhecido asilo, denominado aqui de Casa de Repouso; Centro Diurno, que acolhe o velho somente durante o dia; Centro de Acolhimento Temporário, que hospeda o velho por período pré-fixado; Serviço Ambulatorial, que presta atendimento de enfermagem e fisioterapia; Assistência e Secretariado Social, que auxilia o velho a tramitar documentos; Pastoral da Velhice, que oferece assistência religiosa.

A casa de repouso pode oferecer um, alguns ou to-

dos esses serviços. Neste caso, denomina-se Centro para Velhos. A casa deste estudo, por acolher o velho em regime residencial, é considerada asilo, ou Casa de Repouso, ou Casa Para Velhos, mas, na realidade, se constitui em um “Centro para Velhos”, por oferecer todas as tipologias de serviço. Na Itália, desde 1988, a legislação atribui ao Serviço Socioassistencial e de Saúde da Região a responsabilidade de fiscal desta ação.

O prédio foi residência de nobres da Região, fica no terreno mais alto do local, tem uma visão privilegiada dos Alpes, cobertos de neve durante todo o ano, em especial, o Monte Rosa, com 4.633 metros, destacando-se na cadeia por reluzir como cristal nas raras vezes em que o sol penetra a neblina.

São Caetano está em quatro prédios: central, casa de hóspedes, depósito, e auxiliar, que serão descritos com detalhes para a compreensão da rotina.

Este estudo vai centrar-se nos setenta e quatro velhos da casa em regime residencial, pois são os que participam da rotina de todos os serviços oferecidos. Eles têm estas patologias: demência senil (18); distúrbio do envelhecimento (18); psiquiatria crônica e depressão (13); etilismo crônico (12); distúrbio da mobilidade (6); AVC (2); coma apático (1); e neoplasia (1).

A casa é conservada, cuidadosamente pintada, e tem um competente serviço de manutenção. Foi restaurada e (re) projetada em 1988 para atender à pedagogia guaneliana que diz:

No projeto, tenha-se presente, na medida do possível, tanto o progresso dos critérios e das técnicas

de construção, como os novos serviços requeridos pela evolução das necessidades sociais (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 159)².

O santo que empresta o nome à Instituição desde 1949 é nascido em Vicenza em 1480, laureado (em 1504) em Direito Canônico e Civil, em Pádua, com 36 anos; dedicou-se à assistência física e espiritual dos pobres e enfermos, organizou hospedarias em Verona, Pádua e Veneza. Em 1523, fundou uma ordem religiosa e morreu em 7 de agosto de 1547, com a obra difundida na Europa e América Latina.

2 ENTRANDO PELO PORTÃO PRINCIPAL

Seguimos pela calçada que atravessa o jardim cuidadosamente mantido; os rumores se dissipam, dando lugar a uma pequena escada que conduz a uma sóbria sala de recepção e *hall* de entrada. Em meio aos sons e imagens, a nítida sensação de estarmos numa “casa viva”, cheia de gente, gente muito particular, porque é gente velha. Para Bortz (1995, p. 309), são “as pessoas que viram mais, sabem mais, sentiram mais, cheiraram mais, gastaram mais, viveram mais”. Com eles estão os operadores³, presen-

² O Projeto Educativo Guaneliano é documento base que norteia as ações dos guanelianos.

³ O termo “operador” refere-se a todos os que, com exceção dos residentes, atuam na Casa, cada um com a sua atribuição, mas todos com um valor educativo que deriva do fato de sentirem-se parte dessa grande família.

ça insubstituível na aventura cotidiana, pessoas das quais se requer confiança, paciência e perseverança (ANDRADE, 1996).

Guanella destaca a familiaridade no ambiente educativo; o PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO (PEG) no artigo 39 §174 deixa claro:

Nossos centros se distinguem pela atmosfera de cordial familiaridade, torna atraente estar juntos e faz sentir à vontade as pessoas.

3 O CORPO DA CASA

Conhecer os espaços é importante para compreender a vida da casa. Usamos “corpo da casa” por analogia a “corpo humano”. Esse corpo identifica o espaço do cotidiano, onde se garante a vida, se dá a ação de animar o viver, a atividade de animação. Então! Passamos pelo portão principal, seguimos pelo jardim, entramos no *hall* da casa e estamos na recepção que dá acesso à portaria, secretaria, sala do diretor, sala do ecônomo, e sala de reunião, biblioteca, refeitório da comunidade religiosa, 5 suítes dos religiosos, corredor para o refeitório dos autossuficientes, bar, sala de fisioterapia, de cabeleireira, barbearia, sala dos fumantes, da TV e da animação, ao salão de convivência, ao elevador, à porta leste, às portas para os jardins Norte e Sul.

No elevador iniciamos a visita. Logo se percebe

que estamos no andar “Zero”⁴. Apertamos o “1” e vamos para o subsolo. Lá está: cabine elétrica, 4 garagens cobertas, depósito de lixo, lavanderia, guarda-roupa (sala onde passam, costuram e separam as roupas), sala de estar dos empregados do andar, sala de máquinas, laboratório de artesanato em madeira, vestiários, depósito, cozinha, dispensa, câmara fria, sala de preparação de carnes e verduras, sala de lavar pratos, adega, auditório, sala de projeção, capela, 2 sacristias, câmara mortuária, 2 elevadores, 2 corredores com acesso para o Leste e o Norte. O portão Norte ligando a rua com o subsolo.

No central tem o primeiro andar para não autosuficientes, em condição de não poder ser assistido em casa; e outro para autossuficientes ali residindo, por questões sociais. Seguimos ao primeiro andar: são 21 suítes de dois leitos, refeitório, sala de estar com biblioteca, duas salas com banheiras para o banho protegido, três corredores em “V”, e um acesso ao prédio Auxiliar.

Não é complicada nem cansativa a circulação, pois foi bem cuidado o pressuposto guaneliano de que:

[...] os vários locais e espaços, na medida do possível, sejam também distribuídos e comunicantes de tal modo que facilitem o acesso e se evitem inúteis deslocamentos e perda de tempo (PROJETO EDUCATIVO GUANELIANO, 1995, p. 162).

Mesmo sendo um conjunto arquitetônico muito

⁴ Na Itália é raro usar a palavra “Térreo” para este plano da construção.

grande, o trânsito é fácil, rapidamente se encontra tudo, e todos.

No segundo andar encontramos os não autossuficientes, os dependentes. Nesse andar há 13 suítes, salão multiuso onde ora é refeitório, ora sala de estar, ora sala de televisão; esse salão tem três sacadas muito apreciadas pelos velhos, que fazem questão de levar as visitas para observar o pôr do sol e o brilho tênue dos Alpes. Aqui também estão as salas dos médicos, das enfermeiras, enfermaria, duas salas de banho assistido, depósito, sala de máquinas, 2 elevadores, 2 escadas, 1 sala de estar e leitura, e o acesso ao sótão onde é guardado o material do teatro, artesanato, festas, e enfermeirístico, como cadeiras de roda, andadores, muletas e bengalas.

A casa possui 2 pátios: no da direita há estacionamento para 10 carros, um chafariz com mureta arredondada revestida de pedras, com bancos à sua volta. Há canteiros de flores, pequenas árvores, destacando-se os pinheiros, e uma gruta com N.^a Sr.^a de Lourdes, característica das casas guanelianas, pela devoção do fundador, pois o próprio Dom Guanella trouxe da cidade de Lourdes (França) a imagem para a gruta da casa Madre da Congregação, na cidade de Como, também Lombardia, norte da Itália, a 40 quilômetros desse asilo.

Andando pelo pátio, na direção Sul, são encontradas a horta e uma antiga casa de 2 andares, antes usada como depósito e transformada em Centro-Dia.

Andando na direção Leste, encontramos a Casa de Hóspedes, uma edificação de 2 andares destacada do prédio central, onde se alojam visitantes: escotei-

ros, jovens, estrangeiros, familiares, pessoas em retiro e em tantas outras situações. Estamos hospedados nela. A Casa tem um *hall* que mostra uma ampla escada de madeira para o primeiro andar, lavabo, e porta de vidro de acesso a uma imensa sala de dois ambientes. O primeiro tem um grande sofá em “ele”, uma lareira estrategicamente centralizada, videocassete e TV de 35 polegadas; 1 estante, 1 mesa, 6 cadeiras e 1 mesinha de centro em madeira rústica escura, maciça. A decoração é com artesanato local e fotos das montanhas dos Alpes. O segundo ambiente tem uma parede divisória no centro do vão, de onde saem 2 corredores de acesso. Há uma sala de jantar com 8 lugares e móveis requintados, balcões e cristaleiras com vidro e espelho, doados por uma rica família nobre do local.

Esses dois ambientes são usados para reuniões menos formais das equipes da casa, como sala de trabalho em grupo, pequenas confraternizações e alguns trabalhos de animação. Nesse andar, há uma cozinha bem equipada, permitindo total independência do prédio central às equipes ali instaladas para atividades não referentes aos velhos, ou com rotina diferente da prevista pela Casa.

No primeiro andar há 1 suíte individual, 2 quartos com 2 lugares cada um, 1 alojamento com 10 lugares, 2 sanitários e um amplo corredor. Retornando ao pátio, na direção Leste, encontra-se o prédio auxiliar com dois andares em forma de “ele”; no térreo está o laboratório de artesanato em vime, o tear, e o depósito de material. No primeiro andar ficam

os dormitórios dos *obiettores*⁵, do enfermeiro-chefe e de um irmão, que também é o vice-diretor da Casa.

Caminhando pelo pátio, na direção Norte, estamos no nível da rua e não há acesso para o exterior da construção. É possível avistar canteiros, árvores ornamentais, a quadra de bocha, um tabuleiro de xadrez gigante, que permite a realização do jogo a partir da sacada, rampas e escadaria de largos degraus com acesso ao prédio central. Seguem as indicações do PEG (1995), que considera as dificuldades de movimento dos usuários e, particularmente, a eliminação das barreiras arquitetônicas.

Assim fizeram, atendendo ao critério da funcionalidade e do respeito à cultura local (Art. 118 § 514 do PEG), estando a Casa sintonizada com a pedagogia guaneliana, favorecendo a sua atuação. A forma e a mobília foram escolhidas de maneira a exprimir “a grandeza de toda pessoa”, oferecendo “liberdade de movimento e expressão” e tutelando sua “integridade física, para que se sinta protegida e valorizada”. Os espaços são iluminados e abertos, de fácil circulação e sem porta chaveada, suscitando a “alegria de viver”. No prédio foi evitado luxo; a simplicidade, o decoro e o bom gosto lhe dão o calor familiar. Assim é São Caetano.

4 A EQUIPE DA CASA

Para o trabalho de prevenir, curar, reabilitar e

⁵ Jovem em idade de serviço militar obrigatório que opta pelo trabalho social de um ano em regime de internato.

instruir, segundo a pedagogia guanelliana para velhos e a exigência legal da Região da Lombardia, a equipe conta com 38 profissionais: fisioterapeuta (2); fisiatra (1); enfermeiro (5); geriatra (4); auxiliar socioassistencial (23); *obiettor* (2); animadora (1). Os serviços de infraestrutura com cozinheiras (5); barbeiro (1); cabeleireira (1); limpeza (3); lavanderia (2) A Instituição possui 15 voluntários diários, e um grupo de religiosos constituído de: 1 padre na direção; 1 irmão na vice-direção, 1 irmão na enfermaria, 1 padre na capelaria e outro na portaria. Por ocasião deste levantamento, havia dois padres na comunidade religiosa com saúde abalada, sem poder trabalhar. Durante nossa investigação, um deles morreu e o outro se recuperou, sendo transferido para Bolonha.

São Caetano tem 70 pessoas trabalhando. Resumindo: 5 religiosos; 38 na equipe multiprofissional; 12 na infraestrutura; 15 voluntários. Os estagiários das universidades não estão sendo considerados, por representarem uma população flutuante.

Esse quadro de pessoal atende a 74 velhos, (34 são dependentes, ou não autossuficientes e 40 são independentes ou autossuficientes). Esse grupo de 34 idosos, em sua maioria, participa das atividades educacionais, socioeducacionais e de terapia ocupacional.

Para a integração do pessoal, são realizadas reuniões gerais às quartas-feiras à tarde e reuniões setoriais, semanais, para avaliação e programação de atividades, e para o estudo da pedagogia do fundador. Quanto ao *Documento Base Para Projetos Educativos*

Guanelianos (1995), muitas dessas reuniões são ainda para seu estudo.

5 AS ATIVIDADES

Tudo o que a equipe faz é com a participação dos velhos residentes na Casa, no que diz respeito à rotina, à terapia ocupacional, bem como às atividades extramuros, socioculturais e educacionais. Essas atividades, de rotina, socioculturais e educacionais, estão divididas em dois grupos e vão se subdividindo durante o dia. Nas atividades de rotina, o velho ocupa a manhã, e a tarde com atividades de terapia e ocupação do tempo, ocasião de ser e crescer, de experiência social.

A rotina dos moradores segue o Plano Semanal, por andar. A equipe multiprofissional constrói, com a participação dos velhos representantes dos andares, semanalmente, um planejamento especificando as atividades, e o encarregado do andar irá afixá-lo no mural para a observância de todos.

A rotina dos moradores ocorre da seguinte forma: café: atividade socioeducacional (animação); almoço: atividade sociocultural (animação); atividade religiosa e jantar. Na atividade socioeducacional da manhã predomina a ação de um pequeno grupo, segundo a capacidade individual; à tarde predomina a atividade de grande grupo, à exceção dos horários de refeição, que devem ser obedecidos; as demais atividades são optativas, embora delas participe a maioria dos idosos. Os autossuficientes são livres para sair, passear pela cidade, fazer compras, visitar amigos e parentes,

bem como é livre a entrada de familiares e amigos para visita e/ou participação nas atividades socio-culturais e religiosas. Há um fluxo diário de universitários para observação ou estágio, principalmente na área sociocultural e educacional. Vimos duas acadêmicas de pedagogia e três de animação social, que, na Itália, é o profissional responsável por atividades socioeducacionais e culturais dos asilos, ou seja, das atividades de animação numa Instituição de longa permanência de idosos.

6 COMPREENDENDO AS ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS E EDUCACIONAIS (ANIMAÇÃO)

Estas atividades dão ocupações individuais e em grupo, conforme a capacidade dos que delas participam. É importante pela valorização social da pessoa, pelo estímulo à responsabilidade e participação. Não é um simples passatempo, mas uma ação com proposta definida de favorecer a socialização dos moradores, de manter ativa sua capacidade mental e de expressão, de orientação no tempo e no espaço, e de uma “atividade ativa” do velho na comunidade. Considerando a diversidade dos asilados, propõe atividades em grupos, em casa, durante o ano, e segundo o programa da comunidade circundante, insere-se nele.

A expressão artística (música e teatro) tem finalização nas festas que integram moradores, familiares, funcionários, voluntários e amigos, com os membros do território, favorecendo a participação ativa e serena do velho no ambiente.

As atividades socioculturais e educacionais são funções dos *obiettores* e coordenadas pelas animadoras sociais. Em média, 40 velhos residentes participam delas. Como em todos os asilos, aqui tem os “ranzinhas” que só observam, os resmungões que não participam de nada, os que só participam de atividades individuais, os que participam de tudo o tempo todo, e os que “vão e vêm” sem se fixar na atividade.

A Casa tem um micro-ônibus para transporte semanal à atividades extracasa; nas atividades mais distantes, é usado um ônibus. Nas saídas, são convidados familiares e amigos dos velhos e pessoas da comunidade que participam e apreciam muito. Elas integram o plano anual e são escolhidas com os velhos.

Nas atividades extracasa estão: visita a outro asilo (os residentes nas casas guanelianas se conhecem e gostam de se visitar); visita e participação cultural em casas de outros mantenedores; pesca no lago (perto da casa estão os famosos sete lagos de Varese); visita ao zoológico; passeio nos jardins locais e às cidades vizinhas: andar pelos parques e praças da cidade; tomar sorvete ou comer pizza em um grande lugar para visitar um santuário ou um museu; passeio na montanha com neve.

Das atividades sociais, fazem parte: comemoração de Natal, Carnaval, Páscoa, Dia dos Namorados, Nossa Senhora, e Dom Guanella (estas festas são preparadas com bastante antecedência). Para o Natal, desde maio pintam palitos de fósforo para montar um painel retratando o presépio. Fazem, também, em madeira, figuras do presépio montado na entrada da casa. Cada ano, ele ganha nova característica e no-

vos personagens; comemoração dos aniversários do mês; festas de casamento (muitos noivos convidam os velhos para o casamento, em média vão dez que se autoescolhem por afinidade com o casal). São acompanhados por um padre, a animadora e os *obiettores*. Segundo a necessidade, os acompanhantes aumentam ou diminuem. Muitos noivos fazem chá de solteiro na Casa, trazem doces e salgados, jogam e cantam com os velhos, que aplaudem o casal. No final, dão aos noivos o presente em nome do asilo e estouram balões; o Carnaval tem o característico uso de máscara e homens vestidos de mulher.

Entre as atividades culturais e educacionais, estão: leitura (os velhos gostam muito de ler o jornal, em especial política e esporte, por serem muito confusos na Itália); teatro (montam peças e apresentam no auditório, que tem um palco grande, 120 poltronas confortáveis, boa iluminação e aeração. Os voluntários participam, principalmente, vestindo o elenco. Da plateia participam os demais moradores, funcionários, familiares, amigos e comunidade); pintura (o laboratório de pôsteres agrada muito, gostam de pintar figuras do Walt Disney. Estes trabalhos são comercializados em feiras organizadas pela casa ou por outra instituição); palavras cruzadas (há um quadro em grandes painéis e os velhos descobrem, coletivamente, a partir da leitura da chave, feita pelo animador da atividade); filme (para projeção são previstos documentário, filmes com base em romance, aventura, vídeos dos passeios e atividades realizadas, e os desenhos animados); história contada (a animadora e os *obiettores* contam as que são escolhidas pelos velhos).

Os temas giram em torno da Itália, de hoje e de ontem, guerras, descobertas, vida dos santos, das pessoas da montanha e da história. Também trabalham contos de fada. Depois da história, fazem atividade relembrando a sequência, os personagens e a ação correspondente ao tempo e espaço; palestras (os temas mais incidentes são saúde, meio ambiente, política e esporte). É comum a vinda dos grandes jogadores de futebol aos asilos para falar do time, da situação no campeonato, da história do clube, incentivando a participação dos velhos; jogos (preparados pelos velhos, que vão desde paciência, os feitos com grandes dados, até os de palavras, números e desenhos).

A terapia ocupacional tem trabalho com vime, fazendo cestos e fruteiras; com tear manual (igual aos antigos da Região), fazem tapete e manufaturados em geral; de horticultura, no qual são livres para cultivar o que desejarem; no laboratório de madeira, sob responsabilidade de um velho de 83 anos, que reside com a mulher e é orgulhoso do trabalho, confeccionam o material usado pelos demais, como suporte dos blocos, o fundo dos cestos de vime, tábuas para chaveiros, porta-retratos, suporte para cartas (usados pelos velhos que não podem segurá-las para jogar), entre outros; ateliê de flores em que usam umas confeccionadas por eles e outras secas; de tricô: confeccionando as mantas e os xales usados na maior parte do ano. De tempos em tempos fazem exposições onde o material pode ser comercializado. Essas exposições podem ser só do material produzido na Casa ou reunir o de outras casas.

7 DESVELANDO O PESSOAL

Entrevistamos o pessoal da casa: eles leram e falaram do seu trabalho e, aos poucos, o relacionaram com a proposta pedagógica guaneliana, mesmo sem saber que o fazem. Nossa entrevista seguiu estes indicadores: significado atribuído ao trabalho com velhos; seu início no trabalho na Casa; e recado para quem se inicia no trabalho em asilo.

Apesar da existência de um rígido código cultural dominante na Região e, por consequência, na Casa, a equipe encontra meios e espaços para a “reinterpretação criativa” do sentido da divisão do trabalho, das relações sociais decorrentes e elabora modelos “espontâneos” de comportamento.

Chamou-nos a atenção a maneira como os entrevistados encontram bases e definições, às vezes pouco precisas, de autovalorizar sua ocupação e dignificar sua condição na equipe, tanto da Casa, como da obra guaneliana, e na sociedade em geral. Essa tendência converge para nossa observação da autoconsciência de “produtor”, seja baseada na relação direta com o velho, ou medida pela relação com as máquinas e os equipamentos. De qualquer modo, a equipe multiprofissional tende a conceber que a harmonia da Casa, a felicidade, o bem-estar físico, social, moral, intelectual, afetivo e religioso do velho derivam de seu esforço de trabalho.

Não encontramos hierarquia de *status* ocupacional que situe em patamares mais elevados aqueles que realizam funções mais “difíceis”, que exigem maior complexidade de saber, que comportam maior

responsabilidade ou com nível salarial maior. Mesmo sendo o médico melhor situado no conjunto, nas relações, isto não é enfatizado porque todos se sentem igualmente responsáveis.

A autoatribuição de valor se orienta mais pela concepção da importância do trabalho, de ter um salário, de estar no mercado. A autovalorização aparece na situação histórica de reconstrução do país, motivada por catástrofes e guerras, pela necessidade de vencer a barreira “psicológica” de não mais passar a fome que seus pais passaram e que muitos dos velhos, aqui residentes, experimentaram.

Dom Guanella desejou que, em suas casas: “todos melhorem dia a dia a si mesmos e sejam úteis aos outros” (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995 p. 70). Ele indicava também a preocupação constante com a “adequada preparação humana, técnico-profissional e guaneliana”, por serem elementos que desenvolvem a “capacidade formativa e tornaria sempre mais qualificada e incisiva sua ação” (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 94).

A Casa São Caetano atenta para a evolução das pessoas, da situação, da ciência e da tecnologia, o que faz com que a pedagogia guaneliana se torne cada vez mais conhecida e assimilada; são promovidas reuniões semanais de formação do pessoal, formação que “não pode nunca ser considerada acabada, mas deve prosseguir no tempo com renovados ímpeto e vontade” (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 95).

Vimos que a cooperação dos membros da equipe gera modos de cooperação e solidariedade imprevis-

tos, passíveis de efeitos diversos: produzem conduta solidária e de resistência à pressão comum a todo local de trabalho.

A pedagogia guaneliana tem claro que os conflitos e as tensões, às vezes, são inevitáveis diante de senões e não-êxitos, e declara:

As inevitáveis tensões devem ser superadas com o diálogo, com a aceitação cordial dos outros, com a confiança recíproca e busca sincera do interesse comum, não do próprio (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 70).

O salário é um ponto sensível das relações de produção, especialmente na sociedade onde a organização da produção tem base no regime assalariado, como ocorre no capitalismo. Nesse asilo, o salário não é ponto de conflito, porque a condição de trabalho e a remuneração são questões de honra para os mantenedores que se orgulham do alto teto salarial que mantêm. E o fazem pelo pressuposto cristão antes de fazê-lo para cumprir o §257 do art. 56 do PEG, que comenta deveres e direitos na sua comunidade:

Cada um tem também direito, segundo os princípios da justiça, ao respeito de suas exigências pessoais, familiares e sociais e, se empenhando com um contrato de trabalho, a uma justa retribuição (1995, p. 88).

A remuneração da Casa não é fonte de tensão, rivalidade, diferenciação, nem de hierarquização.

Também não cria a imagem de estar em dívida com o estabelecimento, pois todos se esforçam. O princípio da pedagogia guaneliana diz

[...] clima de serenidade deve permear os ambientes, [...] colocar as pessoas em condição de estarem contentes e de se sentirem sustentadas em todo momento por sinais de amor e razões de esperança (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 69).

Coloca ainda que cada um deve procurar

[...] dar a própria contribuição cotidiana de trabalho, de sofrimento e de oração para o crescimento das pessoas e o bem-estar material e moral do próprio centro (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995 p. 69).

As sensações mais frequentes para indicar as condições de trabalho são a de liberdade e a de leveza. A referência à liberdade da equipe; à assimilação das regras; os passos e movimentos movidos pela consciência; a não limitação ao uso da criatividade aparecem com nitidez nas respostas espontâneas.

Ao utilizar o método fenomenológico proposto por Giorgi (1985), em suas quatro fases, apresentamos a síntese das estruturas de significado dos oito participantes do estudo, a saber: Laurus, Tabebuia, Apuléa, Opotéa, Quercus, Cedrus, Cedrela, e Sequoia. Como parte inerente do método, retiramos os significados das falas, de forma impessoal. Assim, apresentamos essas sínteses, intermediadas pelas falas.

8 INTERVENÇÃO FENOMENOLÓGICA DA PESQUISADORA

Na pesquisa fenomenológica e no modo como esse estudo de caso foi estruturado e desenvolvido, usando a entrevista para levantar as informações, houve a intenção contínua de análise das consciências, como uma proposta intencional.

Bem na esteira do que ensina Merleau-Ponty (1975, p. 252, 255),

[...] a consciência do vinculado pressupõe a consciência do vinculante e de seu ato de vinculação, [...] não há objeto vinculado sem vinculação e, sem sujeito, não há unidade sem unificação.

A ação foi intencional: com a permissão dos participantes da pesquisa, entramos no mundo dos sujeitos assumindo a postura fenomenológica, como participante dos momentos vividos. Nossas vivências foram compartilhadas, nossas experiências, expectativas, emoções vieram à tona, nos sentimos parte daquelas vidas e daquela Casa.

Numa atitude respeitosa, não invadimos os limites impostos pelos entrevistados. Deixamos que se desvelassem, servimos de mediadores durante a experiência.

Os entrevistados, quando da estada na Casa, e nas entrevistas, assumiram atitude científica diante de nós, participantes e pesquisadores do estudo de caso. Eles nos deixaram entrar em seu mundo, como Laurus, quando firmou:

– Se eu desse a chave do meu apartamento iriam lá conhecê-lo? [...] Poderiam ver [...] na estante estão os álbuns [...] no armário do quarto, as cartas [...] da minha mulher [...] e até coisas da minha infância.

E quando Cedrus, tomado pela emoção, perguntou: – Poderiam fazer foto minha junto ao presépio sem dizer para ninguém? Quero mandar para a França. Ou Quercus, ao expressar seus sentimentos pela filha, e como tinha sido a relação que a originou: – Eu nunca falei disso com ninguém [...] eu sinto saudade [...] e saudade é uma coisa que vai comendo a gente por dentro. Ou Tabebuia, ao afirmar que: – Quero me transformar num velho “pimpante” [...] se for o caso [...] morar numa Casa Dom Guanella. Ou Opotéa, ao manifestar seu sentimento sobre a morte de algum velho: – Um pedaço de mim morre com ele, um pedaço da minha vida deixa de existir [...].

Constatamos que os operadores desse asilo são pessoas tão diferentes, com trajetórias diversas, mas todos estão buscando realizar um trabalho, viver uma vida segundo a pedagogia de Dom Guanella. Indistintamente, todos nos auxiliaram a trazer para o Brasil uma inspiração para o trabalho com velhos.

9 AS ESSÊNCIAS FENOMENOLÓGICAS

Comiotto (1992, p. 350), ao explicar de onde surgem as essências numa pesquisa fenomenológica, afirma que as

[...] dimensões fenomenológicas das sínteses das estruturas de significado refletem como cada sujeito percebe, decodifica, interpreta e atribui uma significação ao seu mundo-vivido.

Nas dimensões, lemos as essências fenomenológicas das vivências refletindo o ser-no-mundo-da-vida dos participantes.

Nas vivências relacionais, nesse asilo, destacaram-se essências como: sentimento de estar na Casa; Dom Guanella e sua pedagogia; influência da escola para o trabalho que fazem; trabalho em equipe; autorrealização; e palavras aos jovens. A seguir, passaremos a comentá-las.

Sentimento de estar na Casa. Nesta essência vimos que, entre os velhos, alguns vieram por terem ficado sós, outros pela viuvez, porque o companheiro adoeceu, por comodidade, por sugestão de amigos, ou por terem amigos morando nela... Não contam a causa que os trouxe para o asilo; todos disseram que re-encontraram a vida. O que mais apreciam na rotina é a atividade de animação, responsável pela felicidade que vivem.

Laurus diz que desenvolveu habilidade e gosto pelo artesanato, e participar das atividades de animação “cura mais do que qualquer remédio”. Quercus contou que no início teve vontade de fugir, mas no dia em que começou na animação adquiriu status diferenciado; era capaz de me fazer melhor, e declara: – Não vou embora por nada deste mundo [...] minha verdadeira casa é esta aqui [...]. Cedrela também viu no asilo a sua saída, mas, mesmo doente,

pela atividade de animação afirma:

– Continuo ligada ao mundo, porque continuo criando, [...] quando crio sinto que estou viva. Cedrus também se sente bem, resgatou a autoestima e a ocasião de fazer “coisas importantes”; sente-se valorizado e produzindo, tanto quando fica na portaria, quanto no que ensina no laboratório de madeira.

Entre os operadores, há os que trabalham na casa por opção, outros foram levados pela história de vida, e tem os que estão lá por “coincidência”. Tem os que têm formação específica e são solicitados a desempenhar sua função, como é o caso de Tebuia que disse: – O tipo de trabalho que faço é para velhos [...] próprio para casa de repouso [...] mas eu gostei muito daqui. Na equipe tem operador que veio só experimentar e ficou, como Apuléa, que teve experiência no hospital, que disse:

– Experimentei, me apaixonei e acabei ficando.

Cabe ressaltar que toda a equipe multiprofissional, independente de ter vindo por acaso, opção ou formação, sabe que trabalhar aqui, e com velho, não é um paraíso. Tem muito a fazer, a construir, pelo que lutar e, apesar da brevidade da passagem de algumas pessoas pela Casa, muito a aprender com os velhos.

Destacam-se, nas falas, a acolhida e a atenção cuidadosa e cordial que tiveram no asilo, elemento responsável pela atividade educativa capaz de conciliar seriedade e serenidade nas relações, respeito ao compromisso, ao desempenho individual, possibilitando o encontro e a escuta entre os membros da comunidade educativa. Isso reflete o critério administrativo das estruturas educativas guanelianas que

diz: “Em coerência com os nossos princípios educativos, os centros guanelianos miram uma gestão acolhedora e atenta às pessoas” (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p.154).

Neste caso, vale a explicação do PEG (1995, p. 155), que diz:

[...] para as pessoas [...] que batem em nossa porta [...] procurar dar lugar e uma atenção cuidadosa e cordial que, na medida do possível, sabe encontrar as formas de ajuda sugeridas pelo coração.

Vimos que a via para chegar ao asilo foi por histórias diferentes; mas todos descobriram a razão para ficar: estão realizados e felizes.

Autorrealização. Nesta essência, a pedagogia guaneliana aborda a questão do estilo educativo guaneliano, enfatizando o “caminho do coração” como a característica da relação educativa, e recorda:

[...] a intuição do fundador, de que a educação é especialmente obra do coração, é confirmada também pela experiência e pelas ciências humanas, segundo as quais a gente quer o que aprender a amar (PEG, 1995, p. 58).

A equipe veio para São Caetano sem saber bem o porquê, um de cada lado, com sua formação e suas informações; com o clima guaneliano e com as reuniões dos grupos foi formada uma equipe, que faz um trabalho de ponta e se autorrealiza. Sobre este argumento, pronuncia-se assim:

– Não existe outra aspiração, gosto do meu trabalho, um passeio [...] fala comigo, ou quando ajudo a arrumar um armário, separar roupas, dar de comer, [...] mas passeio me gratifica, percebo que sou companhia de amizade [...] e isto me satisfaz [...] realiza tanto profissionalmente como humanamente [...] é um trabalho diferente [...] (Apuléa).

Já Sequóia lembra: – No trabalho temos satisfação pessoal que leva a certas coisas [...].

O projeto educativo guaneliano aponta:

[...] para construir e alimentar [...] o diálogo deve-se ‘evitar o que danifica a estima e a reputação das pessoas, fazer circular as informações e permutar ideias e experiências, para assim buscar juntos o melhor para si e para os outros’ (1995 p. 66, grifo nosso).

Nesta direção Opotéa se pronunciou:

– Me sinto bem com eles, me divirto, coisa que parece estranho num asilo. Eles me dão tanto [...] mesmo no meu período de adaptação... eu não sabia como fazer, como construir [...] os velhos ajudaram.

O PEG (1995, p. 65) prega que a autorrealização vem da

[...] confiança e do otimismo que induzem a contar com os esforços das pessoas, a esperar pacien-

temente seus frutos e a apreciar sempre os resultados alcançados, mesmo quando podem parecer pouco significativos.

Tabebuia disse que

– Todos deveriam experimentar o trabalho com velhos [...] eles dão [...] aos que os circundam a sensação que talvez outras pessoas não dão, as velhas recordações.

Entre os velhos, Quercus foi enfático em dizer:

– Tanto os que moram aqui como os que trabalham fazem o possível para tornar a vida mais fácil [...] estou tão realizado [...] não quero ir embora.

Laurus gosta daqui porque é uma casa mista, tem entra e sai de crianças, é bem tratado, e é chamado pelo nome, sem apelidos ou números. Cedrus e Cedrela estão bem morando aqui e dizem que “é a sua segunda casa”.

Na pedagogia guaneliana, a relação interpessoal se desenvolve pela via do coração, fundando-se mais no afetivo e volitivo.

Exprime-se mediante atitudes internas e comportamentos externos que veiculam a riqueza de sentimentos de quem, por amor, quer o bem do próximo (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 58).

Para o Projeto Guanella (1995, p.58) existem muitos modos de inter-relações, e a

[...] estrada do coração [é] envolvente, respeitosa e eficaz, sobretudo quando a educação parece impossível e inútil, e não se veem razões suficientes para esperar resultados.

Para os guanelianos, até nos casos desesperadores, o amor verdadeiro encontra caminho para o ponto mais profundo do ânimo do outro e leva-lhe a mensagem e o estímulo para o bem.

Por isso, mais do que sobre a organização, sobre a eficiência técnica e sobre a metodologia, apostamos em uma relação educativa fundada e animada por um amor iluminado pela inteligência (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 59).

Nas relações guanelianas destacam-se como modalidades relacional: estima e respeito, confiança e otimismo, confiança e diálogo, simplicidade e alegria, suavidade e força. Esses elementos concorrem para a autorrealização das pessoas.

Um dos *obiettores*, ao falar na atividade com velhos, disse:

– Falo com os amigos, com meus pais, quando vou à casa sábado e domingo, quando me perguntam como estou, digo que sou feliz, gosto e me divirto fazendo isso [...], a convivência que temos é familiar, todos transmitem valores, sensações, por isso me sinto à vontade. O que faço me dá autor-realização, pois estou num lugar onde realizar-se tem significado, um ambiente onde isto é valorizado [...], uma gente que crê no outro e retransmite o valor do que

realiza, [...] mostram este valor. Tem dias que me sinto embaixo da terra, cansado [...] mas sou contente com meu fazer, embora muitas pessoas penssem que é só um serviço alternativo ao serviço militar [...] os militares me veem como quem não fez serviço militar [...], mas eu curto o que faço.

Palavras aos jovens. Nesta essência, demonstraremos as “palavras aos jovens” que foram dirigidas tanto pelos velhos como pelos operadores do asilo. Assim, Cedrus e Cedrela pensam que seria muito importante que as pessoas aprendessem a envelhecer. Gostariam de ajudar, mas não sabem como fazer isso. Quando se referem aos jovens, dizem que eles

[...] não deveriam se preocupar tanto com as coisas materiais, [...] deveriam pensar nas pessoas, nas emoções [...] é isso que conta no final da vida.

Para Laurus é preciso ensinar

[...] velhice desde a pré-escola, [...] para dar tempo do pessoal aprender e se preparar [...] a gente não fica velho antes da hora por estudar velhice [...] mas precisa aprender isso [...]. [Seu grande plano é ir à escola,] falar da velhice.

Quercus gostaria de mostrar aquilo que “tem de bom na mochila da sua vida” às pessoas de todas as idades, porque à medida que se conhece, aprende-se a envelhecer.

Entre os operadores, Tabebuia foi o maior incentivador do trabalho com velhos; disse que não é fácil,

mas que depois de “superar a fase inicial [...] se a gente procurar compreender, conversar com o velho [...] tudo vai muito bem”.

Opotéa fez surgir outra colocação, nestes termos:

– Velho não é insignificante, pode ainda esperar muito da vida, pode dar tanta riqueza, e ainda tem tanto a aprender [...] devemos tratá-lo como se fosse professor. Tem aquele às vezes que é um pouco difícil de suportar, que cansa com o mesmo discurso, porém, temos tanto que aprender com eles [...], algumas pessoas novas me perguntam, mas por que trabalhas num asilo? E afirmam que trabalhar com velhos é um pouco humilhante! Eu vejo que não é verdade, trabalho aqui [...] não sinto diferença de ser jovem, eu sou jovem [...] trabalhar com pessoa velha é belo.

Sequoia diria para alguém que vai iniciar neste trabalho que deve fazer assim: “arme-se de paciência, e depois [...] deixe num canto a bagagem preconceituosa sobre o velho, [...] depois tenha coragem para trabalhar”. Apuléa enfatizou a paciência, “porque é difícil estar todo o dia com uma pessoa velha [...] mas aprendemos com ela [...]”.

Guanella se preocupou com os velhos e escreveu (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 106) que

‘a velhice’ é, em si mesma, veneranda aos olhos do filósofo e do verdadeiro cristão. Os velhos... são pessoas sofredoras, física e moralmente, e é preciso olhá-los com os olhos da fé (grifo do autor).

Estimulados pelas palavras do fundador, percebemos que a equipe incorporou o carisma guaneliano no seu fazer diário, dedicando-se ao cuidado da saúde física dos velhos, mas dirigindo também

[...] suas atenções e intervenções, à manutenção, na medida do possível, de suas faculdades sensório-motoras, para retardar a decadência das energias físicas (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 106).

10 CONSTRUINDO RESULTADOS

Um estudo fenomenológico caracteriza-se pela sua abertura, flexibilidade e acentuada atenção ao fenômeno investigado. Nunca preocupamo-nos em fechá-lo dentro de preceitos de uma ou outra corrente de pensamento, mas em apresentar considerações que se evidenciaram, ao longo do estudo, com o intuito de enriquecer o realizado, confrontando os achados entre os velhos e os operadores. No que se refere às questões desencadeadoras desse estudo: Como é o trabalho guaneliano em casa de repouso? Qual é a relação entre a atuação da equipe, os valores do carisma e a pedagogia guaneliana? Qual é a inspiração desta pedagogia para trabalhar com idosos no contexto brasileiro? Como o velho participa dessa pedagogia?

Podemos dizer que, durante nossa permanência na Instituição, encontramos muitas informações nas entrevistas aplicadas, mas a observação participativa realizada, o diário de campo e as fotos feitas e

analisadas deram-nos condições de escrever sobre o cotidiano da casa, buscando responder às questões levantadas.

Segundo o PEG (1995, p. 75),

No processo educativo não confiamos em momentos mágicos ou circunstâncias extraordinárias, mas, sem transcurar oportunidades particulares, valorizamos as possibilidades oferecidas pelo cotidiano com seus ritmos.

A vida em todo asilo segue uma rotina comum, de fácil identificação. São Caetano foge ao usual das casas, quer pela população mista que hospeda e pela numerosa equipe multiprofissional que possui, pela variedade de atividades, ou pelos recursos.

A pedagogia guaneliana valoriza a

[...] situação de compromisso e de fadiga, de distensão e de festa, de serenidade ou de preocupação”, por serem momentos importantes e significativos, como “na vida de uma família unida (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 75).

Por isso, propõe que se transforme

[...] em ocasião de crescimento tanto a relação com os outros, como os acontecimentos, as coisas e toda experiência, mesmo aquela marcada pelo sofrimento ou pelo erro (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 75).

O PEG (1995, p. 75) assinala que as pessoas devem ser ajudadas

[...] a não evadir da própria realidade na busca de uma condição ideal

[, mas trabalhar a e na realidade, buscando a serenidade para aceitá-la,] descobrir nela as potencialidades para o bem e transformá-las em instrumento de melhoramento de si e dos outros.

O asilo São Caetano pratica esses pressupostos e oferece aos seus membros uma condição de vida, ação e valorização, tal como ocorre em uma família bem organizada, onde “todos se esforçam em circundar de amor especial quem é acometido pelo sofrimento e por ele sacrificam o tempo e as energias disponíveis, mesmo quando falta a segurança dos resultados”. Todos procuram investir “as melhores energias materiais e morais” em favor do mais fraco (PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO, 1995, p. 77).

Registramos que o cotidiano da Casa busca atenuar a tendência que os velhos têm de isolar-se, até porque não têm mais necessidade de modelos nem confrontos, já adquiriram um modo pessoal, próprio de proceder na vida. Esta é uma das razões que fazem com que os velhos prefiram a solidão que o grupo e a coletividade. O temporário refugiar-se na solidão, o retiro dos outros, permite-lhe viver mais individualmente e diferenciar suas escolhas; ou dirigir a energia em direção daquele aspecto não desenvolvido da personalidade que permanece não vivido, se exposto à forte influência externa.

Não se envelhece só, mas em relação com o outro. A convivência, não só para o velho, pode oferecer importante oportunidade de relação interpessoal, revelando semelhanças e diferenças. Compreendendo a diversidade nos ampliamos, e pela integração dessa diversidade expandimos nossa personalidade. Socializar-se, portanto, é encontrar-se, é buscar no outro uma boa identificação de si, é a possibilidade de trocar, de comunicar, de viver junto com os outros, usufruindo com liberdade a própria característica pessoal. Na velhice, a atividade tende a neutralizar um pouco, pela socialização que oferece, a tendência do velho a separar-se. Neste asilo este fazer é observado de modo que o velho aproveite ao máximo as ocasiões em que está com o outro.

A atividade de animação, na linha da pedagogia guaneliana, age antes sobre o ambiente, recuperando e criando relações, favorecendo a autoajuda, estimulando, para criar uma rede de relações que torne o contexto, no qual vive o velho, sempre dinâmico e estimulante. Através dessas atividades o velho descobre capacidades e habilidades ocultas ou esquecidas, numa atmosfera cordial e fora dos esquemas, compreendendo sua condição e suas limitações físico-sócio-mentais da fase. Dom Guanella nos ajuda a compreender a questão afirmando (PROJETO EDUCATIVO GUANELIANO, 1995, p. 169) que “o homem é sociável e tem necessidade de transbordar seu coração no coração dos irmãos”, e uma forma de fazer isso é pela atividade que a casa oferece, pois para os guanelianos a animação é o “coração da casa”.

O velho, nessa pedagogia, é o “companheiro de

viagem”, considerado na sua dignidade de pessoa com personalidade própria, visto em todos os aspectos. Devem, no modo respeitoso, envolvente e eficaz, ser dadas as condições de bem-estar físico, mental, social, afetivo... para viver em harmonia os derradeiros anos da vida.

O clima de família, o senso de acolhida, a generosidade no serviço recíproco e o interesse sincero pelo crescimento de cada um [valores do carisma] distinguem-se na atmosfera da casa, tornando atraente o estar junto, fazendo com que todos se sintam à vontade.

A pedagogia guaneliana considera a cultura local, coloca sua proposta à luz da história dos grupos para ser interpretada e enriquecida. Empenha-se na formação permanente do grupo, transmitindo conhecimento e valor, oferecendo, como diz seu projeto educativo, múltiplas ocasiões para enriquecerem-se. As atividades de grupo, as reuniões da equipe de operadores devem se empenhar em aprofundar a filosofia da instituição, dando condições “de fazer todos os seus projetos” responsabilizando-se “pelo crescimento de cada um e apoiando seu empenho formativo”. A atenção é dirigida contemporaneamente a cada um, na sua individualidade de problemas e potencialidades, e ao grupo como húmus em que a pessoa está arraigada e do qual vive.

A questão sobre o significado de viver para o velho nesse asilo mostrou que, ao aproximar a teoria do caso estudado, identificamo-nos com Rezende (1990, p. 35), ao dizer que a concepção de homem e de mundo é entendida como “uma antropologia inseparável

de uma cosmologia”; não se concebe um desvinculado do outro. Nessa dialética, unem-se, existencialmente, na intencionalidade, homem e mundo, vinculando-se o mundo ao humano, por tratar-se de um mundo humano.

A experiência de viver, para o velho, nessa Casa, seu mundo-vivido, foi trabalhada a partir da redescoberta da experiência primeira, colocando de lado o conhecimento científico, desvinculando posições secundárias, assumindo a atitude filosófica de voltar às coisas mesmas; o fenômeno significado de viver na casa foi estudado a partir do velho – o sujeito que vive- em seu asilo – seu mundo-vivido.

A estrutura do homem e a estrutura do mundo estão reunidas dialeticamente, uma vez que não se concebe uma sem a outra. Rezende (1990, p. 37) escreve:

[...] a figura da existência sempre aparece sobre o fundo de significação e a figura da significação sempre aparece sobre o fundo da existência.

As dimensões, do fenômeno: subjetiva, social, histórica e de mundo, foram abarcadas para obtermos a dimensão da estrutura fenomenal dialética.

A teleologia, entendida com Rezende (1990, p. 41) como

[...] decorrência da presença dos sujeitos no coração da dialética humana, manifestação do ser-ao-mundo, como transcendência, tanto do homem, como ao mundo, relativamente à facticidade de ambos,

faz surgir a Filosofia como busca da verdade,

[...] quando reconhece, pela reflexão, a existência dos sentidos no mundo, bem como a revelação dos símbolos para a revelação da verdade (SILVA, 1995, p. 64).

Se a busca da verdade só é possível onde e quando há liberdade, este estudo nos deu liberdade para buscá-la, permitiu-nos viver e conviver no asilo. Os velhos expressaram o prazer de viver ali, atribuíram isso à forma individualizada como são tratados pela equipe, e ao serviço de animação, atividade considerada fundamental, um serviço que lhes dá “alma nova”, ativa-os e os energiza para viver.

Na Fenomenologia, “o mundo é o horizonte de todos os horizontes”; temos agora três horizontes; são três manifestações na busca da verdade: o conhecimento no nível da palavra, a liberdade no das decisões, e o trabalho no da transformação. Os horizontes do conhecimento e da liberdade foram desvelados; o horizonte do trabalho está na proposta para transformar ou aprimorar, se julgada oportuna, a realidade das instituições de longa permanência de idosos, ou dos asilos brasileiros.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. M.^a **Uma pedagogia para a velhice:** o desafio da construção de um trabalho com idosos no Brasil. 1996. Tese (Doutorado em Educação)– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

BORTZ, W. M. **Viva mais de cem anos.** Rio de Janeiro: Record, 1995.

COMIOTTO, M. S. **Adultos médios:** sentimentos e trajetória de vida - estudo fenomenológico e propostas de auto-educação. Porto Alegre: UFGS: FACEDE: PPGE, 1992.

GIORGI, A. **A Psicologia como ciência humana:** uma abordagem fenomenológica. Tradução R. S. Schwartzman, Belo Horizonte: Interlivros, 1985. (Original publicado em inglês, 1970)

MERLEAU-PONTY, M. **A estrutura do comportamento.** Tradução J. Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

PROJETO EDUCATIVO GUANELLIANO (PEG). Congregação dos Servos da Caridade. **Projeto Operativo Guaneliano.** Roma: Nova Fronteira, 1995.

REZENDE, A. M. de. **Concepção fenomenológica da Educação.** São Paulo: Cortez, 1990.

SILVA, J. L. **Assistindo o velho.** Santa Maria: Palotti, 1995.

Recebido em outubro de 2011.

Aprovado em dezembro de 2011.